

PEDRO BANDEIRA FREIRE

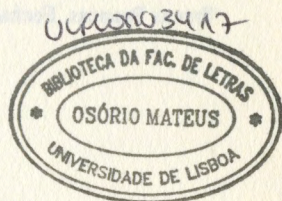
TEATRO

TREVAS BRANCAS • FECHADO AOS DOMINGOS
A MAÇÃ DE ADÃO • MACACOS NO SÓTÃO



Sociedade Portuguesa de Autores
Publicações Dom Quixote

PEDRO BANDEIRA FREIRE



TREVAS BRANCAS
FECHADO AOS DOMINGOS
A MAÇÃ DE ADÃO
MACACOS NO SÓTÃO

Prefácio de Luiz Francisco Rebello

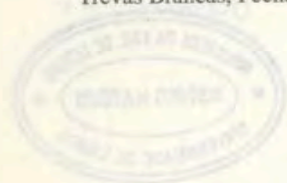
SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES/PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

LISBOA

2001

Biblioteca Nacional — Catalogação na Publicação

Freire, Pedro Bandeira, 1939-
Trevas Brancas, Fechado aos Domingos, A Maçã de Adão e Macacos no Sótão
(Autores de língua portuguesa)
ISBN 972-20-1678-4
CDU 821.134.3-2“19”



Publicações Dom Quixote, Lda.

Rua Cintura do Porto
Urbanização da Matinha, Lote A, 2.º C
1900-649 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

© 1999, Pedro Bandeira Freire e Sociedade Portuguesa de Autores

Esboços de cenário (maqueta e planta) da peça
«Fechado aos Domingos» da autoria de Octávio Clérigo

Revisão tipográfica: Francisco Paiva Boléo

1.ª Edição: Abril de 2001

Depósito Legal n.º 161 871/01

Pré-impressão: Espaço 2 Gráfico

Impressão e acabamento: Gráfica Manuel Barbosa e Filhos, Lda.

ISBN: 972-20-1678-4

PROLOGO

TREVAS BRANCAS

João Carlos Flores
com a colaboração de
Pedro Miguel de Góes

PRÓLOGO

(...) Os nomes. A preocupação de se reconhecer vivo, identificando-se pela identificação dos outros. Durante a travessia das **trevas brancas** os diálogos com a Edite foram em grande parte uma busca de referências, um inquérito em total inconsciência na tentativa de se recapitular para voltar a ser indivíduo com passado. A família e os visitantes que lhe apareciam quem eram? Onde vinham e que ligações tinham com ele? O pior é que rarissimamente se preocupava em os situar na sua vida (tinha aceitado que não era capaz, foi a impressão com que eu fiquei até hoje) e, quando muito, punha-se a olhá-los sem os ver. (...)

José Cardoso Pires
em «De Profundis-Valsa Lenta»
Publicações Dom Quixote 1997

PERSONAGENS

ALMA — amor, ânimo, carácter, consciência, espírito, essência, inteligência, força, generosidade...

ANGÉLICA — angelical, bela, harmoniosa, linda, pura.

DIONÍSIO — tem a ver com o entusiasmo, até mais do que isso, criador, espontâneo, instintivo e festivo.

ABELARDO — apaixonado, secretista, condenado pelo amor, perseguido pela desgraça.

TOMAZ — a irreconciliável harmonia entre a fé e a razão.

JERÓNIMO — dado a combates contra abusos de poder, coragem, altivez de espírito, caridade e decência.

JUSTINA — a procura do prazer, a presença da alegria, o deleite, a volúpia.

(A cena representa a sala de estar de uma estalagem. Ocupará à direita, metade da cena, continuando à esquerda, através de duas largas janelas implantadas na parede que desse lado a limita, numa larga varanda que em forma de L continua ao fundo para a direita comunicando aí também com outra larga janela que se encontra ao fundo da sala.

O espaço visível da sala, pressupõe-a enorme, tendo ao fundo e à direita uma lareira apagada. As paredes são forradas a papel, toda a sala com tapetes e os reposteiros — Tudo é branco.

Mobiliário — maples de couro, uma mesa grande, escrivaninha, cadeiras, estantes, quadros (apenas molduras?), lustre, candeeiros, tudo de acordo com a própria sala, um relógio alto, parado, e de frente, em lugar de destaque, uma enorme esfera representando o mundo, numa pesada base de talha trabalhada. Tudo é branco. Na varanda, a balaustrada que a limita à esquerda e ao fundo é branca como também são brancas todas as peças de mobiliário nela instaladas e próprias do espaço que ocupam. Cadeiras de jardim, bem assim como duas mesas baixas e um baloiço para duas pessoas.

Para lá da varanda um terreno bem cuidado, limitado à esquerda por umas árvores altas, esguias, elegantes, étereas, brancas, todas brancas. Todos os adereços da peça serão brancos. Ao fundo, o mar, audível apenas.

Durante o decorrer da acção nunca se devem ouvir os passos das personagens, que deverão usar guarda-roupa leve, diáfano e branco.

As personagens (três mulheres: Alma, Angélica e Justina. Quatro homens: Dionísio, Jerónimo, Tomaz e Abelardo) em termos de idade serão difíceis de definir. Se mais velhos parecerão no entanto jovens. Terão todos que possuir uma certa beleza e ser muito serenos. Esta serenidade mostrar-se-á mesmo ao falar e ao dizerem coisas que à primeira vista sejam duras, agressivas ou violentas.

Pela esquerda, entra Alma, trazendo no colo um braçado de flores silvestres brancas. Já na varanda, olha à sua volta com uma certa admiração, como se visse aquela paisagem pela primeira vez.

Pela direita, pela sala, entrará depois Angélica, como que à procura de qualquer coisa que não encontra. Pela primeira janela do lado esquerdo chega até à varanda, parando aí, vendo Alma que não a vê. Alma volta-se depois...)

ALMA: Está uma maravilhosa manhã... Está como vai estar amanhã!

ANGÉLICA: Reparaste que rimaste?

ALMA: Também tu...

ANGÉLICA: É curioso...

ALMA: A poesia, como qualquer arte, tem destas graças...

ANGÉLICA: Falas da arte como virtude, com certeza, e esta bela manhã cria-te a mais certa disposição para fazer alguma coisa...

ALMA: Sim e não! A arte é uma força que valendo-se da matéria e do visível, inventou para imitar ou expressar o material ou o invisível.

ANGÉLICA: Assim é a criação, copiando ou fantasiando. . .

ALMA: É a única forma que ela tem, utilizando os seus talentos, de se contrapor à natureza.

ANGÉLICA: Com a poesia também?

ALMA: Penso que sim. A força de inventiva, a originalidade e a ousadia, alguma estranha sensibilidade, a riqueza e novidade de expressão, um encanto indefinível, coisas que tentamos deitar cá para fora através das palavras e da linguagem, tudo isto é a poesia.

ANGÉLICA: Independentemente da sua forma...

ALMA: Sim, creio que sim. Mas por que perguntas?

ANGÉLICA: Porque para mim a poesia é um certo e indefinível encanto que eu encontro nas pessoas, nas coisas, nas obras de arte, na natureza, que me exalta e me suspende o ânimo.

ALMA: Oferecendo-te um inexplicável mas suave e puro deleite...

ANGÉLICA: Exactamente. Como se me transportasse para fora de mim.

ALMA: Por isso mesmo é que serve o entendimento humano (*nada se ouvindo*).

ANGÉLICA: Schiu! Pareceu-me ouvir não sei que barulho...

ALMA: Não... é o mar! Talvez se tenha levantado um pouco de vento...

ANGÉLICA: Nunca o escutei! Para mim o vento é mudo.

ALMA: Enganas-te! Tudo tem o seu barulho particular. O vento, as árvores, o mar, a terra...

ANGÉLICA: E o silêncio?... Será que ele também faz barulho?

ALMA: Não creio... (*Olha para cima, para o céu, como a tentar ouvir*) Não, o silêncio não faz barulho... O silêncio é um ruído...

ANGÉLICA: Um ruído, dizes tu...

ALMA: Um ruído que nos escapa... É feito de atenção, de quietude... é feito do próprio silêncio...

ANGÉLICA: O ruído do silêncio é o próprio silêncio!...

ALMA: É isso!...

ANGÉLICA: O silêncio do ruído é o próprio ruído...

ALMA: Também é isso!...

ANGÉLICA: É ele e não é ele!!!

ALMA: Exactamente isso!

ANGÉLICA: É sempre ele mesmo...

ALMA: E quando é ele não é ele mesmo...

ANGÉLICA: Para tornar a ser...

ALMA: Para deixar de o ser outra vez... Os antigos fizeram do silêncio uma divindade. Os gregos designavam-no como um homem com um dedo espetado em frente da boca.

ANGÉLICA: O silêncio é pois masculino.

ALMA: É e não é. Porque já os romanos o converteram numa divindade feminina e deram-lhe os mais diversos nomes.

ANGÉLICA: E aqui o silêncio é-nos imposto.

ALMA: Sim e não. Porque tratando-se de pessoas, impor o silêncio é fazê-las calar e nós estamos a falar. Tratando-se de sentimentos ou de paixões, impor silêncio é reprimi-las.

ANGÉLICA: Pela tua explicação e se bem compreendo, estamos sempre a ouvir o silêncio.

ALMA: A todo o momento...

ANGÉLICA: E não há solução? Não existe uma alternativa?...

ALMA: Nunca pensei bem no assunto, mas acho que não... Envolve-nos. É como se fizesse parte de nós.

ANGÉLICA: Não gosto! É triste saber-se o que tu dizes... Estamos todos condenados à presença do silêncio, a ouvi-lo constantemente...

ALMA: Mas o que é que eu estou para aqui a dizer...? Porquê?... Para quê?...

ANGÉLICA: Porquê?... Para quê?...

ALMA: Sim... Desculpa-me... Deixei-me levar pelas palavras... E a realidade é tão simples, tão simples...

ANGÉLICA: Não sei por que me pedes desculpa...

ALMA: Queria dizer... Não, há pouco tempo não era assim. Ou talvez fosse... Mas havia outra animação... Eram os recreios... as festas anuais... eram as visitas.

ANGÉLICA: As festas anuais...?... As visitas...?... Não percebo! Não sei a que te referes...

ALMA: Eram as visitas deles... nós chamávamos-lhes mestres...

ANGÉLICA: Mestres...?... Que precisavam vocês de aprender?

ALMA: Se calhar, nada! Por isso deixaram de vir... Mas ensinavam-nos como havíamos de fazer passar o tempo...